

Brasileiros estão divididos

Da Redação
Com Agência Folha

Mike Hutchings/Reuters



NO CARTAZ DO MANIFESTANTE: "O GOVERNO DOS EUA É UMA VERGONHA"

Os representantes brasileiros de organizações não-governamentais (ONGs) e entidades civis presentes na 3ª Conferência Mundial Contra o Racismo vão se dividir hoje: negros e índios farão protestos separados. Os primeiros planejam uma marcha até a frente do Centro Internacional de Convenções de Durban, onde a cúpula está sendo realizada. São esperados 300 manifestantes que exigirão do governo brasileiro reparação, políticas sociais mais avançadas e afirmativas, e cotas de no mínimo 20% para negros nas universidades brasileiras.

Nem os ativistas que tiveram suas viagens pagas pelo governo vão deixar de cobrar atitudes mais eficazes para a valorização dos negros. "Se o governo achou que ia pagar e a gente ia ficar calado, se enganou", disse Ivanir dos Santos, militante do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap). "Não podem achar que vamos aceitar um discurso vazio. É claro que houve avanços, mas queremos mais."

O ministro da Justiça, José Gregori — que lidera a delegação do Brasil e reconheceu que o país não é uma democracia racial —, disse que o direito de criticar é legítimo, desde que "sem exageros e disparates". Ele pediu que a conferência internacional não seja transformada em um debate sobre as ações nacionais.

Alguns delegados oficiais vão ficar de fora da manifestação brasileira em Durban, pois muitos pertencem ao governo. A vice-governadora do Rio de Janeiro, Be-

nedita da Silva, até ontem não havia demonstrado interesse em comparecer à passeata. "Presidi a Conferência Nacional (realizada em julho no Rio), tenho responsabilidades. Não vou fazer festa para os outros dançarem", declarou.

Os índios farão um protesto à parte. "Vou reunir meu povo e cuidar de outras coisas", decidiu a líder indígena na delegação ofi-

cial brasileira, a socióloga Azelene Kaingang, que organiza hoje uma manifestação às 11h locais pela aprovação do Estatuto do Índio e a adoção do termo "povos indígenas" pela ONU. Depois, ela vai à manifestação dos negros, que começa às 13h.

Brasil e Quênia foram indicados ontem para presidir o grupo que decidirá uma forma de repa-

DELEGAÇÃO NUMEROSA

Entre delegados oficiais e integrantes de ONGs, o Brasil é o país que tem mais representantes em Durban. São cerca de 600 pessoas, dos quais 168 são delegados. Oitenta deles tiveram as despesas com passagem, alimentação e hospedagem pagas com dinheiro público. A idéia era mandar apenas 51 delegados, mas à medida que os pedidos de credenciamento chegavam, a orientação do Ministério da Justiça foi credenciar todas as pessoas que trabalham em órgãos do governo. O ministério, o Itamaraty e a Fundação Palmares (ligada ao Ministério da Cultura), que gastou R\$ 250 mil liberados pelo Congresso Nacional, estão custeando as viagens da delegação. Segundo o ministro da Justiça, José Gregori, o fato de o Brasil ter o maior número de representantes em Durban é motivo de orgulho para o governo.

ração pela escravidão, outro impasse da reunião. O embaixador Gilberto Saboia, representante brasileiro nesse grupo, disse que o país apresentará propostas de conciliação, como um pedido de desculpas genérico pelos fatos do passado, sem citar culpados. Ele disse que o Brasil defende compensações por meio de políticas públicas, mas sem indenizações.